

Da “arte” à ciência: o caminho da gramática

Ana Maria Brito

ambarrosbrito@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

O livro que agora se publica reúne a maioria dos textos apresentados no colóquio *Gramática: história, teorias, aplicações*, organizado pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto e pela Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da mesma Universidade, nos dias 22, 23 e 24 de Outubro de 2008.

O encontro tinha um duplo objectivo: por um lado, reunir investigadores nas áreas da Linguística e da Língua Portuguesa cujo trabalho se centrasse na reflexão gramatical, tanto do ponto de vista teórico como aplicado, assim como estudiosos da história das ideias gramaticais; por outro lado, homenagear Simão Cardoso, que, ao longo de 25 anos, prestou serviço na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e no Centro de Linguística da mesma Universidade e que foi autor, entre outros textos, da *Historiografia Gramatical (1500-1920)*, uma obra que constitui um elemento precioso de trabalho para linguistas e gramáticos.

Como prova da amizade e do reconhecimento dos seus colegas e amigos, o primeiro dia de trabalhos do Colóquio foi-lhe dedicado e também a exposição de gramáticas organizada pela Dra. Isabel Leite e pela Prof. Dra. Fátima Silva; a exposição permitiu ver algumas “preciosidades” que fazem parte do Fundo Primitivo da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo constituído uma ocasião única para acompanhar esse largo percurso que a Gramática, na sua diversidade, tem apresentado, um caminho da “arte” à ciência e que o Simão Cardoso tão bem soube estudar e apreciar.

Nascida no 1º milénio antes de Cristo (séculos V a IV a. c.) com as primeiras descrições de gramáticos hindus sobre o Sânscrito e concebida na Grécia Clássica e no período alexandrino como a *arte de ler e escrever*, a *Grammatike*

passará por várias fases bem distintas, acompanhando a história das ideias na Europa e no mundo.¹

Assim, as gramáticas foram normativas durante largos séculos, umas mais abertas às línguas vernáculas e à sua variação, outras mais prescritivas (basta recordar, como exemplo destas duas atitudes, os gramáticos portugueses mais representativos do século XVI, Fernão de Oliveira e João de Barros); as gramáticas foram gerais e racionais nos séculos XVII e XVIII, numa tentativa pioneira de relacionar linguagem e pensamento (lembremo-nos da *Grammaire Générale et Raisonnée*, de Arnauld e Lancelot e da *Grammatica Philosophica da língua portuguesa* de Jerónimo Soares Barbosa); as gramáticas foram comparadas e históricas no século XIX e no princípio do século XX, em tempos dominados pela ideia de história e de evolução (recorde-se, no caso da língua portuguesa, os trabalhos de Adolfo Coelho, José Joaquim Nunes, Said Ali, Joseph Huber, Edwin Williams, Rodrigo de Sá Nogueira, entre outros).

Na sequência do Estruturalismo Europeu e do Distribucionalismo Norte-Americano, as gramáticas assumem um pendor descritivo e tornam-se essencialmente sincrónicas; recorde-se as gramáticas de Celso Cunha e Lindley Cintra, Evanildo Bechara, Pilar Cuesta e Albertina Mendes da Luz, Helena Neves, entre outros. Outros trabalhos produzidos em Portugal e no Brasil, na segunda metade do século XX, situam-se entre a monografia e a gramática histórica, como os de Clarinda Maia e Rosa Virgínia Mattos e Silva.

A partir dos anos 60, com a Gramática Generativa e com Noam Chomsky a Gramática adquire um significado propositadamente duplo: um, sinónimo de conhecimento linguístico dos sujeitos falantes, e outro, de descrição desse conhecimento por parte dos linguistas, tomando então a gramática uma dimensão cognitiva, que hoje, praticamente de modo consensual, é aceite em Linguística. A atitude descritiva e explicativa, no quadro de teorias formais, acentua-se e a Gramática vai adquirindo um estatuto que pretende ser científico, “confundindo-se”, por vezes, com muita da investigação em Linguística.

Mas como se organiza a gramática e qual a sua arquitectura? Todas as áreas da Linguística são realmente abrangidas pela investigação gramatical?

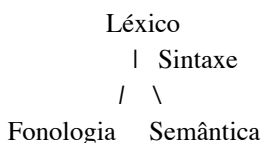
Estas são questões centrais, para as quais a tradição gramatical clássica e a Linguística moderna têm apresentado respostas distintas.

¹ Para um aprofundamento da história da gramática, há uma extensa bibliografia; recorde apenas, para o Português, o vol. III - *Gramática e varia* das *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa 1995 e Brito, A. M. (2010) “Gramáticas descritivas do Português”, in Cornelia Doll/Sybille Große/Christine Hundt/Axel Schönberger (orgs.) *De arte grammatica: Festschrift für Eberhard Gärtner zu seinem 65 Geburtstag*. Frankfurt am Main: Valentia.

Para Dionísio de Trácia, no séc. I da era cristã, faziam parte da gramática a leitura, aquilo que actualmente poderíamos chamar a estilística, o estudo das fraseologias, a etimologia, a investigação das regularidades morfológicas e sintácticas e a apreciação das composições literárias. Nessa gramática, tratava-se fundamentalmente de fixar o grego de Homero e o pendor pedagógico e normativo é evidente.

A tradição clássica iniciada por este autor vai privilegiando cada vez mais a escrita e a Morfologia, a Morfo-sintaxe e a Sintaxe vão tornar-se as partes centrais da gramática. Para além dessas áreas, as gramáticas descritivas da 2ª metade do Século XX comportam, por vezes, capítulos de Fonética e de Fonologia; em geral dão pouca atenção à Semântica; às vezes comportam capítulos de Ortografia e Versificação; mais tardiamente revelam atenção ao Texto e ao Discurso e à variação, constituindo-se, quase sempre, como tentativas de descrição da norma padrão. Quer dizer, as gramáticas do século XX sofrem a influência do avanço da Linguística e vão sendo cada vez mais descritivas e abrangentes.

Num artigo de Chomsky e Lasnik, de 1977², foi proposto um modelo de gramática que irá ser adoptado por muitos linguistas durante algumas décadas; para estes autores, a gramática tem como ponto de partida o Léxico; ou, dito de outra maneira, o Léxico, constituído pelos itens da língua, fornece à Sintaxe o *input* para as regras de combinação, concebendo-se, portanto, a Sintaxe como a componente central da gramática, como o sistema computacional que permite gerar construções bem formadas. Neste modelo, a Fonologia e a Semântica são as outras componentes da gramática, em grande parte com um papel interpretativo das estruturas geradas pela Sintaxe:



Este modelo tem muitas potencialidades, mas é passível de discussão sob vários aspectos. Em primeiro lugar, a centralidade da Sintaxe não pode implicar a sua autonomia; com efeito, a Sintaxe é parcialmente dependente do significado dos itens lexicais e há interfaces fortes entre a Sintaxe e a Fonologia e entre a Sintaxe e a Semântica. Basta recordar, por exemplo, a questão do foco e dos mecanismos prosódicos a ele associados ou as estruturas argumentais

² Chomsky, N. & Lasnik, H (1977) «Filters and Control», *Linguistic Inquiry*, 8.3, 425-504.

dos predicados e o modo como elas se projectam ou as condições formais da quantificação, da negação e de outros operadores semânticos para compreender as relações fortes entre as componentes centrais da Gramática. Por essa razão, a Sintaxe é concebida actualmente por muitas teorias como a componente que estuda não só as condições de combinação de palavras mas também as condições formais da significação.

Em segundo lugar, o papel do Léxico e a relação com a Sintaxe podem ser perspectivados de vários modos. As línguas tem léxicos de natureza distinta, com peso diferenciado dos processos morfológicos. Saussure dividia as línguas em línguas “lexicológicas” e línguas “gramaticais”³. As primeiras correspondem ao que actualmente chamaríamos línguas “analíticas”, em que as oposições distintivas em certas categorias, como o número e o género, para dar dois exemplos, são expressas por palavras completamente distintas (estão neste caso línguas como o Chinês ou o Vietnamita). Neste tipo de línguas, o Léxico tende a ser rico e numeroso, com pouco lugar para os processos morfológicos. As línguas a que Saussure chamava “gramaticais” e que correspondem ao que actualmente chamamos “sintéticas” apresentam vários subtipos morfológicos: há línguas aglutinantes (Turco), há línguas flexionais ou fusionais (Latim, Português, Alemão), há línguas incorporantes (línguas Bantu), há línguas infixantes (Árabe). Sabemos hoje que as línguas são em geral mistas e que língua sintéticas têm processos analíticos (veja-se, em Português, em relação ao género, os pares *homem / mulher, rapaz / rapariga*).

Uma língua como o Português é rica em processos morfológicos, em particular a flexão, a derivação e a composição. Mas a flexão está estreitamente ligada à Sintaxe e mesmo certos processos morfológicos, como a derivação, situados tradicionalmente na Morfologia, têm repercussões de tal modo evidentes na construção sintáctica (pense-se na alteração das estruturas argumentais, da marcação casual e da ordem dos constituintes) que é possível pensar numa relação mais estreita entre Léxico, Morfologia e Sintaxe.

Em textos recentes de Marantz⁴, Alexiadou⁵, ou Ramchand⁶ questiona-se

³ Saussure, F. *Cours de Linguistique Générale*, Ed. Crítica organizada por Tullio de Mauro, Payot, Paris, 1975, p. 183.

⁴ Marantz, A. (1997) “No escape from Syntax: Don’t try a morphological analysis in the privacy of your own lexicon”, in Dimitriadis, A. *et alii* (eds.) *U Penn WPL* 4, 201-225.

⁵ Alexiadou, A. (2001) *Functional Structure in Nominalis. Nominalizations and ergativity*, John Benjamins, Amsterdam.

⁶ Ramchand, G. (2008) *Verb Meaning and the Lexicon: a first phase syntax*, Cambridge University Press.

a própria existência do Léxico e coloca-se a formação de palavras na Sintaxe. Esta visão radical tem, no entanto, problemas, uma vez que há inúmeras idiossincrasias lexicais que dificilmente poderão ser captadas por regras gerais da Sintaxe, pelo que, de algum modo, o Léxico tem de ocupar um espaço na organização da gramática.

Igualmente a relação entre o uso da língua, a Pragmática, e a gramática é tema de debates entusiasmantes. É verdade que a linguagem é usada para comunicar, para pensar, para argumentar. Mas a investigação linguística realizada permite mostrar que a comunicação e o uso não conseguem explicar (ou explicam muito pouco) a forma das línguas humanas, uma vez que esses grandes objectivos são comuns às línguas naturais e estas apresentam entre si diferenças notáveis. Por essa razão, a “divisão de trabalho” entre as várias componentes da gramática continua a ser um importante problema teórico, o que, no fundo, corresponde a perceber qual a divisão de trabalho entre as várias componentes do conhecimento linguístico. Tanya Reinhart, entre outros linguistas, explorou esta problemática em numerosas publicações e a sua proposta é a de que há estratégias de interface que associam a gramática, concebida como um sistema computacional, ao uso e aos sistemas cognitivos envolvidos na linguagem, que, na sua concepção, são os sistemas de conceitos, os mecanismos de inferência, o contexto e os sistemas sensorio-motores.⁷

Concebida deste modo, a gramática é o cerne da descrição linguística, havendo então que colocar de forma adequada a questão das interfaces entre as suas componentes e a relação da gramática com a Pragmática e com as condições de uso das línguas.

Mas se estas questões são de grande actualidade e se desenvolvem no seio das instituições universitárias e nos centros de investigação, não o são tanto no que diz respeito ao ensino da língua ao nível dos ensinos básico e secundário, onde a aula de língua materna tem objectivos essencialmente pedagógicos. A esse nível de formação, há que articular a reflexão gramatical com a aprendizagem da escrita e da leitura; por outro lado, a aula de língua materna deve estar aberta a todos os níveis de funcionamento e de uso da língua e, por essa razão, tenho defendido que a noção de gramática que importa invocar na aula de Língua Materna deve ser abrangente, indo do estudo dos sons ao das palavras, das palavras às frases, e das frases aos textos, envolvendo

⁷ Reinhart, T. (2000) *Interface Strategies, Optimal and Costly Computations*, MIT Monographs, p. 5.

os diferentes níveis de análise linguística.⁸ A reflexão gramatical a esses níveis ajuda ao desenvolvimento do raciocínio abstracto, traduz-se em avanços ao nível das diferentes competências (ouvir, falar, ler, escrever), favorece uma atitude descritiva e tolerante perante a variação e ajuda a adquirir uma metalinguagem útil na aprendizagem de línguas estrangeiras.⁹

De qualquer modo, as questões do que ensinar e como ensinar gramática continuam a suscitar discussão. E o que reter da tradição gramatical e o que inovar em matéria terminológica? Como articular a reflexão gramatical com a escrita e a leitura? E como integrar de maneira adequada o estudo dos textos, literários e não literários?

O encontro realizado na FLUP em Dezembro de 2008 constituiu um espaço para a discussão de todas estas questões e o livro que agora se publica é uma contribuição importante para dar a conhecer as várias interrogações e respostas sugeridas pelos seus autores.

O volume apresenta, em primeiro lugar, os textos das conferencistas convidadas.

No texto inicial, Inês Duarte considera que a noção de gramática permanece “variada e variável”; a autora mostra como a gramática é caracterizada, mesmo na segunda metade do século XX, por uma tensão entre uma noção descritiva e uma noção normativa, pelo privilégio da língua escrita sobre a oralidade e por vezes por uma certa confusão entre estádios de língua. A autora ilustra o seu pensamento com dois temas, os participios verbais e as orações relativas “cortadoras”, questões em que é visível um certo desequilíbrio entre as formas efectivamente usadas e as descrições dos gramáticos e linguistas, o que leva a autora a afirmar que “se o que pretendemos com a descrição gramatical é caracterizar as propriedades (...) da língua global, é essencial levar a sério o problema da formação do padrão.”

Clarinda Maia defende que na tradição gramatical dos séculos XVI, XVII e XVIII, de Fernão de Oliveira a Jerónimo Soares Barbosa, a preocupação pela língua nacional e a argumentação a favor do Português em contraste com o latim se fundamentam não só nas suas qualidades e valor mas também no facto de ser a língua de um império; analisando algumas passagens das obras

⁸ Brito, Ana Maria (1998) “Retomar e reinventar o ensino da gramática da Língua Materna”, in *Actas do 2º Encontro de Professores de português, A língua mãe e a paixão de aprender*, Homenagem a Eugénio de Andrade, Areal Editores, Lisboa, pp. 53-64.

⁹ Duarte, I. (2000) *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 55-57.

de gramáticos desses séculos, a autora mostra que em vários destes autores há já a consciência da diferenciação do Português em relação ao Português peninsular, em particular nos planos fonético e lexical.

Helena Mateus analisa o espaço da fonologia nas descrições gramaticais, referindo brevemente alguns momentos significativos na história da gramática, nomeadamente em Fernão de Oliveira e na tradição estruturalista e pós-estruturalista, dedicando especial atenção ao lugar que as propriedades do sistema fonológico e prosódico ocupam no quadro da *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus *et al.*, 2003)

No quadro das aplicações ou, nas palavras da autora, dos “investimentos” da gramática, Graça Pinto analisa alguns aspectos relacionados com a linguagem em fases avançadas da vida, partindo de um estudo realizado a partir de biografias de feiras de dois dos sete conventos da ordem *School Sisters of Notre Dame*, nos EUA, em que se procurou descrever a complexidade gramatical e a densidade de ideias nas suas produções linguísticas. A principal conclusão desse estudo – as diferenças encontradas neste grupo, aparentemente homogéneo, relacionam-se provavelmente com o tipo de vivência, em termos de linguagem, de cada uma das participantes antes de terem ingressado nos conventos – leva a autora a reflectir sobre algumas das complexas relações entre o cognitivo e o linguístico.

Seguem-se no livro os textos das comunicações, apresentadas por ordem alfabética do apelido dos seus autores, embora eles se organizem à volta de três temas centrais – a história: das ideias gramaticais e sua relação com a história da língua; a forma da gramática, em particular as relações entre a Semântica e a Pragmática e o discurso; o lugar da reflexão gramatical no ensino da língua materna e outras aplicações.

Clara Barros estuda o funcionamento de alguns operadores argumentativos num corpus constituído por textos dos gramáticos portugueses quinhentistas, procurando estudar, para além da frequência de uso, aspectos da especificidade discursiva e da estruturação textual e o predomínio de certos actos discursivos, como os de planificação e de justificação, entre outros.

Sónia Duarte analisa aspectos da teoria verbal e sua classificação na *Grammatica inglesa para uso dos Portuguezes* de José Urcullu (Porto 1848), uma obra que assumiu um importante papel na difusão da língua inglesa, tanto entre falantes de língua portuguesa como de espanhola e que, por isso mesmo, constitui motivo de interesse, dado o quase vazio de informação a respeito do ensino de línguas estrangeiras no Portugal do século XIX.

Filomena Gonçalves aborda, à luz do contexto ideológico, metalinguístico e pedagógico da segunda década do século XIX, as discrepâncias doutrinárias que estiveram no centro da polémica havida entre Sebastião José Guedes de Albuquerque e Joaquim de Campos de Abreu e Lemos, por ocasião da publicação da *Grammatica Portugueza* (1820), escrita pelo primeiro autor.

Ao lado da história das ideias e sua relação com a história da língua, o outro tema presente no livro é a noção de gramática e sua arquitetura, perspectivada por diferentes teorias.

Françoise Bacquellaine estuda as principais ideias do modelo desenvolvido por Mel'cuk, desde os anos 70 do século XX até ao século XXI, um modelo caracterizado pela inter-relação frase – texto e de que um dos exemplos mais acabados é o *Lexique actif du français* de Mel'cuk e Polguère (2007), um instrumento capaz de aplicações no domínio da lexicografia e da pedagogia, em particular no ensino / aprendizagem da língua estrangeira.

Partindo da multiplicidade de valores da noção de gramática, Carlos Gouveia advoga a favor de uma concepção de gramática enquanto conjunto de recursos para a produção de significado, no quadro de investigação e descrição gramatical da chamada linguística sistémico-funcional de Halliday. Uma vez aceite esta concepção, o autor tenta demonstrar que ela é aplicável ao ensino e que, em conexão com a retórica, ela favorece a atenção à escrita, vista não como um sistema secundário face à oralidade, mas como complementar e como lugar privilegiado de produção de significado.

Ana Martins apresenta, embora de forma crítica, a concepção de “gramática emergente” de Hopper, concebida como um produto de estruturação criada no discurso. A autora explora dois caminhos em que a teoria de Hopper parece ter algumas consequências interessantes, a linguística textual e o processo de aquisição de uma língua segunda.

Pedro Santos discute a relação entre a Semântica e a gramática e entre a Semântica e a Pragmática. De acordo com a concepção dominante, a Semântica é uma componente da gramática, defendendo-se uma forte vinculação do significado à estrutura, aliada à ideia de composicionalidade. No caso particular da deixis, esta concepção garante que a intervenção do contexto na determinação do valor semântico dos deícticos está ligada ao significado convencional, não pondo em risco a autonomia da Semântica em relação à Pragmática. O autor discute, em seguida, algumas concepções diferentes, acabando por sugerir, no final do seu texto, um certo esbatimento de fronteiras entre a Semântica e a Pragmática, que decorre da versatilidade das competências convocadas pela

capacidade humana de, fazendo afirmações e exprimindo proposições, representar a realidade linguisticamente.

Augusto Soares da Silva e Hanna Batoréo apresentam os fundamentos e a arquitectura geral de uma Gramática Cognitiva, no quadro da qual a gramática é concebida como um sistema de estruturação conceptual, que envolve capacidades cognitivas gerais e mecanismos imaginativos. Neste modelo a centralidade da Sintaxe é posta em causa e a abordagem põe em relevo diversas operações de perspectivização conceptual. Entre outras aplicações deste modelo, os autores analisam os problemas da voz (activa, passiva, média), algumas construções com verbos causativos e perceptivos, os verbos de movimento e a estruturação do espaço.

A outra temática presente no livro é a das aplicações da gramática. Essas aplicações são várias, embora no Encontro a questão da formação de professores e do lugar da reflexão gramatical no ensino da língua tenha sido o ponto mais valorizado.

Isabel Margarida Duarte propõe que as formas de tratamento devem ser encaradas como um item gramatical em aula de língua materna. A partir de uma experiência de produção provocada a alunos do 9º ano de escolaridade, a autora observa que há dificuldades no emprego das formas de tratamento e que as propostas de Lindley Cintra se encontram desactualizadas, em particular nas formas de deferência e no uso de *você*. A autora enquadra-se numa concepção pragmática sobre a linguagem e de atenção aos textos e aos discursos, posição partilhada por Olívia Figueiredo e que muito deve ao magistério de Joaquim e Fernanda Irene Fonseca na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Olívia Figueiredo reflecte sobre as práticas de ensino de língua tradicionais, vinculadas durante demasiado tempo a modelos orientados para a correcção, baseadas no carácter invariável da língua e na identificação desta com a norma, propondo o alargamento da aula à multiplicidade discursiva, levando os alunos a interrogarem-se cada vez mais sobre “o como” e “para quem” dos textos, componentes fundamentais, segundo a autora, de uma visão inovadora do ensino da língua.

Também Sónia Rodrigues e Purificação Silvano se enquadram numa perspectiva em que a gramática não pode ser desligada das condições do seu uso; nessa medida, as autoras defendem que a análise linguística de textos e discursos deve estar no centro da aula de língua; no entanto, propõem que uma tal perspectiva não é incompatível com um trabalho oficinal, laboratorial, sobre a gramática da língua, tal como tem sido proposto por Inês Duarte em vários trabalhos, e que as duas perspectivas podem ser mesmo complementares.

Cláudia Silva tem vindo a explorar as dimensões linguísticas e textuais do “chat”; na comunicação agora publicada analisa alguns dos mecanismos de textualização inerentes a esse novo tipo de situação sócio-comunicativa e considera que tal forma de comunicação manifesta processos de coesão e coerência.

A publicação de um livro colectivo é sempre um trabalho difícil, mas, simultaneamente, uma aventura entusiasmante. Esperamos com esta publicação contribuir para um debate fecundo e proveitoso sobre gramática, nas suas dimensões histórica, teórica e aplicada e também para projectar as actividades do Centro de Linguística e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Agradecimentos

Agradeço aos Professores Fátima Silva e João Veloso o apoio na organização do Encontro, à Dra. Isabel Leite a realização da exposição sobre gramáticas, à Faculdade de Letras da Universidade do Porto e ao Centro de Linguística da Universidade do Porto os subsídios que tornaram possível a realização do Encontro, assim como a publicação deste livro.

Uma palavra de reconhecimento para os autores que participam neste volume e para a Comissão Científica que seleccionou os resumos das comunicações: Ana Cristina Macário Lopes (FLUC/CELGA), Clarinda Azevedo Maia (FLUC/CELGA), Fátima Oliveira (FLUP/CLUP), Filomena Gonçalves (UE), Gabriela Matos (FLUL/CLUL), Graça Rio-Torto (FLUC/CELGA), Isabel Leiria (FLUL/CLUL), Isabel Margarida Duarte (FLUP/CLUP), Ivo Castro (FLUL/CLUL), Luís Filipe Cunha (CLUP), Maria Helena Mira Mateus (FLUL/ILTEC), Olívia Figueiredo (FLUP/CLUP), Pilar Barbosa (FCSH/UM), Rogélio Ponce de León Romeo (FLUP/CLUP) e Telmo Mória (FLUL/CLUL).